

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

ANA CAROLINA SOARES DOS REIS

**O espelho da Branca de Neve: como a mulher negra é
retratada no telejornalismo policial**

São Paulo

2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

O espelho da Branca de Neve: como a mulher negra é retratada no telejornalismo policial

Ana Carolina Soares dos Reis

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais.

Orientador: Prof. Dr. Silas Nogueira

São Paulo

2019

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido pensado e produzido sem o apoio de amigos e familiares que me inspiraram e motivaram a concluir este marco acadêmico. Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por todas as portas que ele me abriu com esta pós-graduação.

Aos meus pais, Rubens e Roseli, pelo suporte e paciência enquanto me dedicava aos artigos e seminários já apresentados neste curso. Ao Matheus, que se disponibilizou em me auxiliar quando precisei. Ao Eivelton, pela paciência, compreensão e suporte quando acreditei que não daria conta de concluir este curso.

Agradeço ao Prof. Dr. Silas Nogueira agradeço pelas palavras que me orientaram na produção e elaboração deste artigo – e também pelas ideias dos próximos trabalhos.

E, de forma muito especial, eu agradeço à Maria Cira por, mais uma vez, ser fonte de inspiração para a formação do questionamento e pensamento presentes neste artigo.

O ESPELHO DA BRANCA DE NEVE: COMO A MULHER NEGRA É RETRATADA NO TELEJORNALISMO POLICIAL¹

ANA CAROLINA SOARES DOS REIS²

Resumo: Viver em sociedade como mulher é desafiador. Ver seus dramas de vida expostos em rede nacional, nos programas policiais, é se sentir exposta. Por isto, este trabalho visa analisar como a mulher negra é representada no telejornalismo policial na amostragem dos programas Cidade Alerta (Record) e Brasil Urgente (Band), que selecionam as notícias de acordo com os fatos mais relevantes para a sociedade. Entretanto, o que vemos no jornalismo policial é a exploração da violência contra a sociedade. O telejornalismo estaria o refletindo uma realidade extremamente recortada e distorcida a fim de reforçar estereótipos e preconceitos contra as mulheres negras?

Palavras-chave: Mulheres negras. Racismo. Jornalismo. Televisão.

Abstract: Living in society as a woman is challenging. Watching one's life dramas exposed on national network – in the police programs – is to feel exposed. Therefore, this work aims to analyze how black women are represented in the police journalism shown on television in the programs Cidade Alerta (Record) and Brasil Urgente (Band), which select news according to the most relevant facts to society. However, what we see in police journalism is the exploitation of violence against society. Is journalism on television possibly reflecting an extremely cropped and distorted reality in order to reinforce stereotypes and prejudices against black women?

Keywords: Black Women. Racism. Journalism. Television.

Resumen: Vivir en sociedad como mujer es desafiante. Ver sus dramas de vida expuestos en red nacional, en los programas policiales, es sentirse expuesta. Por eso, este trabajo busca analizar cómo la mujer negra es representada en el telediario policial en los programas Cidade Alerta (Record) y Brasil Urgente (Band), que seleccionan las noticias de acuerdo con los hechos más relevantes para la sociedad. Sin embargo, lo que vemos en el periodismo policial es la explotación de la violencia contra la sociedad. ¿Estaría el telediario reflejando una realidad extremadamente recortada y distorsionada a fin de reforzar estereotipos y prejuicios contra las mujeres negras?

Palabras clave: Mujeres negras. Racismo. Periodismo. Televisión.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais pela Universidade de São Paulo.

² Pós-graduanda em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda questões acerca da percepção sobre a imagem retratada da mulher negra e como ela é percebida nos telejornais policiais exibidos na televisão brasileira, aprofundando na forma como a imprensa brasileira apresenta a mulher, personagem da reportagem, moradora de lugares pobres, com a justificativa de estar reproduzindo fielmente o que acontece na sociedade.

Essa reprodução da sociedade é definida por Nelson Traquinas (2012, p.149) como a Teoria do Espelho, onde o jornalismo justifica sua pauta, independente do tema, como um fiel retrato dos fatos que acontecem no cotidiano. O jornalismo é a realidade e seu principal produto contemporâneo, a notícia, não é ficção, mas os acontecimentos e personagens das notícias não são invenções dos jornalistas.

Se para Traquinas (2012, p.148) “as notícias são como são porque a realidade assim as determina”, para Cremilda Medina (2004, p.31) os casos racistas na imprensa devem sofrer um processo social. A guerra dos significados implica na tentativa de impor conceitos e juízos de valores contra oposição ao preconceito. Se o processo não é favorável a mudança social, os comunicadores emitem sinais conservadores e discriminatórios aos negros que ameaçam o seu status. Essa guerra simbólica aparece nos textos jornalísticos, nos mais variados formatos.

Estariam os profissionais de imprensa preparados para cobrir pautas ligadas à população negra sem reforçar racismo, estereótipos e discriminação? As faculdades de jornalismo estão aptas a formar alunos com pensamento crítico-teórico e que refutam a produção de notícias preconceituosas? É o que Ricardo Alexino (2004, p.25) aborda sobre estudantes e jornalistas e as possíveis soluções para o extermínio do racismo no jornalismo.

Por racismo, compreende-se que ele é a manifestação de opiniões baseadas em características físicas, onde ele é “um sistema que afirma a superioridade de um grupo racial sobre os outros”, como define Joel Rufino dos Santos (1984, p.10), onde um grupo “superior” segrega um outro grupo tido como “inferior” por não compartilhar as mesmas características fenotípicas e genotípicas.

Kabenguele Munanga (2003) aborda a compreensão das diferenças físicas e como essa trouxe ao pensamento científico uma hierarquização que fundamentou a forma como conhecemos o racismo. No século XVIII, a classificação de raças passou a ser formada pela cor da pele, sendo um divisor de águas. “Por isso, que a espécie humana ficou dividida em três raças estancas que resistem até hoje no imaginário coletiva e na terminologia científica: raça branca, negra e amarela” (MUNANGA; Kabenguele, 2003).

Segundo Munanga, o conceito de raça como entendemos hoje não tem relação nenhuma com o sentido biológico. É um conceito ideológico que esconde a relação de poder e de dominação. Ser negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa em diferentes países de diferentes continentes.

Por isso que o conteúdo dessas palavras é etno-semântico, político-ideológico e não biológico. Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular a raça não existe, no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos. É a partir dessas raças fictícias ou ‘raças sociais’ que se reproduzem e se mantêm os racismos populares. (MUNANGA, 2003, p. 6)

Com base nas teorias citadas acima, este artigo pretende responder o seguinte questionamento: O jornalismo cumpre um papel de simples reproduzidor dos fatos ou ele estaria corroborando para a perpetuação do racismo e do machismo sobre a mulher negra na sociedade brasileira? Para isso é necessário compreender sobre ser mulher e sobre ser mulher negra no Brasil.

Lélia Gonzalez (1974) apresenta que no entorno da mulher negra criou-se a figura da “Mãe Preta”, no período escravocrata, que tinha como principal característica cuidar dos filhos dos seus senhores. Na sociedade contemporânea, o discurso racista reserva à mulher negra um lugar para cuidar e servir. Sua dor é exposta em programas de televisão e ela é desrespeitada.

Diante desse cenário foi adotado o recurso metodológico de análise de mídia em dois telejornais policiais, Cidade Alerta (TV Record) e Brasil Urgente (TV

Bandeirantes), para verificar como a mulher negra é retratada por esses noticiários e em qual contexto ela está inserida.

A escolha desse recurso metodológico aconteceu por inspiração nos textos de Muniz Sodré (2004) sobre mídia e racismo, Rosane Borges (2004) sobre pesquisas sobre o jornalismo policial, ambos encontrados durante pesquisa acadêmica para a graduação, e nas teorias do jornalismo escritas por Nelson Traquina (2012). Unindo os assuntos tratados pelos três autores, e a observação - anterior a produção deste trabalho e feita de maneira orgânica, sem fins acadêmicos – de telejornais policiais e pautas sobre feminicídio³, estupro e situações onde a mulher aparece como uma pessoa que não tem controle sobre si. Essa análise de pautas trouxe luz ao grande número de mulheres negras nessas matérias e a forma como elas são retratadas.

Para que os resultados fossem colhidos e comparados com a literatura aqui descrita, foi feita uma análise quantitativa para comparar com a análise qualitativa a fim de verificar como os telejornais policiais observados retratam a mulher negra na sua programação.

2. DA BIOLOGIA À SOCIOLOGIA: A ORIGEM DO RACISMO

Oriundo do latim, *ratio*, o conceito de raça surge como *razza*, no idioma italiano, e significa sorte, categoria e espécie, e foi utilizado nas ciências naturais para classificar animais e vegetais pelo botânico e zoólogo sueco Carl Von Linné (1707-1787).

No latim medieval, o conceito de raça tornou-se sinônimo de descendência de um ancestral comum, onde encontrava-se algumas características físicas em comum. Em 1684, o francês François Bernier (625-1688) usa o termo para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças. Nos séculos XVI e XVII, o conceito passa a atuar nas relações entre as classes sociais da França, onde os Francos acreditavam ter “sangue puro”, insinuando que suas

³ Assassinato de mulheres apenas por serem mulheres, sem qualquer outro motivo, como roubo, por exemplo. Esse tipo de morte marca a desigualdade de gênero presente no Brasil. Ler mais em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/capitulos/o-que-e-feminicidio/>

“habilidades especiais” e “aptidões naturais para dirigir, administrar e dominar” era justificada pela sua linhagem, sua origem. Com esse pensamento, o povo Gaulês acreditava que podiam ser escravizados por outras sociedades. Kabenguele Munanga reflete que o conceito

de raças “puras” foi transportado da Botânica e da Zoologia para legitimar as relações de dominação e de sujeição entre classes sociais (Nobreza e Plebe), sem que houvessem diferenças morfo-biológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes. (2003, p. 1).

A compreensão da racialização das diferenças trouxe ao pensamento científico uma hierarquização que fundamentou a forma como hoje entendemos o racismo. No século XVIII, a classificação de raças passou a ser formada pela cor da pele e a espécie humana ficou dividida em três “categorias”: raça branca, negra e amarela. Depois, na Europa, o racismo aparece como um elemento básico da identidade de um grupo ou indivíduo.

Uma parte importante da identidade do branco europeu, ou do branco norte-americano, depende da sua afirmação de superioridade em face de “outros”, tais como africanos, asiáticos, latino-americanos ou outros. Há sempre certa dose de darwinismo social, latente ou explícito, na prática e no pensamento de europeus e norte-americanos em suas relações com “outros”. É óbvio que também os “outros”, sejam eles japoneses, chineses, hindus, árabes, sul-americanos, caribenhos ou eslavos também respondem ideologicamente. Ainda que em distintas gradações, todos estão inseridos no vasto processo de racialização do mundo. (IANNI,1996, p. 19)

Porém ter a cor de pele clara ou escura não significa ser descendente de europeus ou africanos. No século XIX foram adicionados, além do critério da cor, outros parâmetros morfológicos como a forma do nariz, dos lábios, do queixo, do formato do crânio, o ângulo facial, etc. para aperfeiçoar a classificação racial. No século XX, descobriu-se que no sangue havia elementos químicos mais precisos para determinar, definitivamente, a divisão racial do que traços físicos.

Grupos sanguíneos, certas doenças hereditárias e outros fatores na hemoglobina eram encontrados com mais frequência e incidência em alguns grupos do que em outros, podendo configurar o que os próprios geneticistas chamaram de

marcadores genéticas. O cruzamento de todos os critérios da cor da pele, morfológicos e químicos deram origem a dezenas de raças, sub-raças e sub-sub-raças. As pesquisas comparativas levaram também à conclusão de que os patrimônios genéticos de dois indivíduos pertencentes a uma mesma raça podem ser mais distantes que os pertencentes a raças diferentes; um marcador genético característico de uma raça, pode, embora com menos incidência ser encontrado em outra raça. (MUNANGA, 2003).

Com isso, os estudiosos desse campo de conhecimento chegaram a conclusão de que a raça não é uma realidade biológica, mas um conceito cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças. Isso quer dizer que, para a biologia e para a ciência, as raças não existem, segundo Munanga. (2003).

A adjetivação de “raça boa” e “raça ruim” se deve a hierarquização elaborada pelos cientistas biológicos que determinaram as pessoas de pele branca sendo detentoras dos traços mais “bonitos”, “inteligentes” e “honestos” e de “melhor capacidade de liderar, governar e dominar” outros povos, do que pessoas com outros tons de pele. O conceito de raça como conhecemos atualmente não tem relação com a biologia, mas que está carregado de ideologia e esconde a relação de poder e de dominação. Ser negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa em diferentes partes do mundo.

Por isso que o conteúdo dessas palavras é etno-semântico, político-ideológico e não biológico. Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular a raça não existe, no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos. (MUNANGA, 2003, p. 6).

E é a partir desse conceito de raça que se reproduzem e se mantêm os casos de racismo, estrutural e institucional, na atual conjuntura social.

2.1 O preconceito racial e social

Diz o Michaelis⁴ que, por racismo, entende-se que, além de estabelecer uma hierarquia entre as etnias, como já foi exposto anteriormente, ele fundamenta o direito de uma raça, vista como pura e superior, de dominar outras. Além de ser um preconceito exagerado contra pessoas pertencentes a um grupo diferente, geralmente considerada inferior, o racismo gera atitudes hostis em relação a certas categorias de indivíduos.

Santos (1941, p.14) *apud Larousse* nota uma outra forma do racismo como o “confinamento de ‘grupos inferiores’” em um país, gerando segregação por não compartilharem características fenotípicas e genotípicas. Contudo, o racismo ainda é uma dinâmica estrutural que está ligado a forma como estão configuradas as sociedades de classe no Brasil (OLIVEIRA, 2017), onde quanto mais desprovido de riquezas materiais - e intelectuais - o indivíduo for, mais à margem da sociedade ele será colocado.

A distinção de classes fomenta os casos de racismo. No Brasil, prestígio social é interligado à classe pertencente e, conseqüentemente, à cor da pele. “Max Webber deu um sentido mais preciso ao termo “classe”, distinguindo-o dos fenômenos ligados distribuição da honra e do prestígio sociais” (*apud* GUIMARÃES, 2012 p. 43). Isso não dizer que, no Brasil, a discriminação que sofrem os negros não seja somente racial, mas que ela também vem na ordem de classes sociais - o que gera desigualdade de direitos individuais (GUIMARÃES, 2012, p.44) entre os cidadãos brasileiros.

A discriminação racial e social, que afeta homens e mulheres, acontece quando “o preconceito leva uma pessoa a negar um tratamento igual para quem ela considera como diferente” (OLIVEIRA, 2017. p. 199). Assim, o racismo fere a dignidade da pessoa que recebe este tipo de ofensa.

Enquanto o racismo se introjeta no pensamento das “suas vítimas, tornando-as, também, racistas” (SANTOS, 1984, p.73), seja pela negação da cor de

⁴ MICHAELIS: dicionário brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

sua pele, pelo alisamento dos cabelos ou, nos casos mais extremos, a tentativa de descoloração da pele negra para uma melhor aceitação no meio social.

3. SER MULHER, SER MULHER NEGRA

Ser mulher negra no Brasil é ser objeto de discriminação, uma vez que os estereótipos raciais, de gênero e sociais a colocam no mais baixo nível de opressão (GONZALEZ, 1974). A prestação de serviços domésticos para famílias abastadas reforça a ideia de divisão social e a sua inalcançabilidade. A privacidade que o dinheiro traz pode ser um desejo pessoal, já que nas favelas seu corpo e sua vida privada estão expostos.

A favela é um espaço compartilhado de moradia: a casa, o domínio particular de cada um, ali não começa da porta para dentro, pois às vezes nem porta existe direito. Na favela, o domínio da privacidade se confunde com o espaço coletivo em reentrâncias, em limites permeáveis, porosos, onde é íntimo atinge o que é público e o que é privado abriga o que é pessoal de um de um modo improvisado, singular, mutante. (MELLO *apud* BUCCI, 1997).

Os espaços pré-determinados dão à negra dois lugares para estar: domésticas ou *mulatas*. Suas dores e suas lutas foram reduzidas (ou estão escondidas) em sambar ou servir (GONZALEZ, 1974)

4. O JORNALISMO E O ESPELHO DA BRANCA DE NEVE

Jornalismo é a exposição dos acontecimentos não ficcionais do cotidiano, em narrativas com personagens, e contada por terceiros. O principal produto do jornalismo contemporâneo, a notícia, traz os acontecimentos da maneira como eles são e baseia-se em teorias para justificar a forma e os porquês que cada assunto é tratado daquela maneira. Jornalismo é a realidade e traz os acontecimentos e os personagens como eles são, e não são invenções dos jornalistas (TRAQUINAS, 2012). Assim, a notícia passa por “portões” de seleção dos editores e jornalistas e por técnicas de produção para garantir que ela, de fato, contenha informações relevantes e ocorridas na sociedade (TRAQUINAS, 2012).

Para o autor, um desses critérios é a Teoria do Espelho que aponta que as notícias são como são porque a realidade assim as determina: comunicar os fatos sem qualquer tipo de comentário, apresentando os fatos como um espelho que reflete o que colocado à sua frente.

Ora, se o jornalismo, teoricamente, cumpre um papel de simples reprodutor dos fatos, estaria ele corroborando para a perpetuação do racismo na sociedade brasileira? Seria ele um reprodutor de estereótipos e preconceitos disfarçados de notícia e opinião?

O *ethos* jornalístico (TRAQUINAS, 2012), formado por cada editoria, em cada jornal, de cada grupo, demonstra que a construção de um grupo separado com um *ethos* próprio, um *modus operandi* específico, torna a cobertura jornalística mais imparcial. O *ethos* forma a imagem de um jornalista que vai contra os fatos que acontecem no cotidiano, mostrando um jornalista desinteressado em se aprofundar no assunto e informar. O conhecimento específico em diferentes temas e áreas seria uma forma de ir contra a teoria do espelho, já que com a especialização o profissional teria ferramentas para perceber como deve tratar cada tema.

Ferreira (2004) afirma que a realidade é que, observando a cobertura de assuntos étnico-raciais na imprensa, os profissionais de comunicação não estão preparados ou não tem conhecimento para análise social que melhore a cobertura sem reforçar racismo, estereótipos e discriminação. Publicitários e jornalistas reforçam o lugar do negro no mercado de trabalho em campanhas publicitárias e na citação de fontes e personagens nas notícias, onde profissionais de imprensa que estão despreparados “para coberturas jornalísticas sobre o segmento negro podem reforçar atos de racismo, discriminação e estereótipos, mesmo quando a linha editorial do jornal” ou do grupo de comunicação não está.

É o que acontece quando temos uma notícia sobre denúncia de racismo ou colocando o personagem negro em uma agenda positiva, sem reforço de estereótipo, e seguir acompanhado por “uma publicidade que cria estereótipos ou simplesmente ignora esses grupos.” (FERREIRA, 2004, p. 22).

Confinada em espaços pré-determinados da sociedade, como moradia em bairros pobres e periféricos, postos de trabalho subentendidos como pertencente aos negros, e sub julgada pelas forças de segurança, fato que é incluído nos noticiários, a população negra passa por um reforço de estereótipo constante. Exemplo disso é a produção de pautas sobre violência nas periferias e a aparição da Musa Globeleza, mulher negra - que até 2016 aparecia nua e sambando - e marca o início da cobertura carnavalesca da TV Globo. A seleção de assuntos veiculados na televisão se torna segmentado aos negros, sejam homens ou mulheres, deixa de ser informativo e tem, como plano de fundo, o reforço do estereótipo (FERREIRA, 2004).

Os profissionais de imprensa não estão preparados ou não tem conhecimento para elaborar uma análise social que melhore essa cobertura sem reforçar racismo, estereótipos e discriminação. Isso quer dizer que ou o jornalismo não sabe lidar com a pluralidade social e constrói uma imagem de determinado grupo baseado no senso comum, marcado por preconceitos que o profissional elaborou por anos, ou baseia-se na Teoria do Espelho para justificar sua escolha de pautas.

Quando há casos racistas na imprensa eles devem sofrer um processo social, onde o autor deve ser responsabilizado pela ideologia que publica. Se o processo de comunicação é favorável a mudança social, os comunicadores emitem sinais conservadores discriminatórios aos negros que ameaçam esse (MEDINA, 2004). Essa guerra simbólica aparece nos textos jornalísticos, tanto impresso quanto em áudio, no formato de opinião, mascarando preconceitos para estes serem aceitos no meio social.

A formação do profissional e seu aperfeiçoamento também podem contribuir para a transformação dessa mentalidade do jornalista e/ou da instituição. Nas faculdades de jornalismo, a transmissão do conhecimento técnico é mais importante do que a formação do pensamento crítico-teórico. Nas empresas de comunicação o conhecimento técnico de redação é mais valorizado do que o pensamento crítico e o valor do diploma se perde quando pessoas de outras áreas podem escrever notícias.

Uma possível solução para a diminuição do racismo propagado no jornalismo seria a mudança de conteúdos lecionados aos estudantes universitários, a criação

de oficinas - nas universidades e nas redações - para trabalhar com assuntos raciais tidos como minoritários e investir na formação de jovens negros para trabalharem com comunicação.

Muniz Sodré (2004, p. 173) lembra-nos que por mais que existam renomados jornalistas negros ocupando cargos de chefia em prestigiados telejornais - e este número seja quase insignificante perto a quantidade de branco - aos negros “reserva-se sempre o lugar da ‘cozinha’, velha gíria jornalística para tarefas que não requerem visibilidade pública”, como revisão e diagramação. É necessário lembrar que muitos estudantes negros, pelos mais diversos motivos, não concluem a faculdade e vão trabalhar em outras áreas profissionais.

Uma possível solução para melhorar esse cenário seria contratar mais pessoas negras, indígenas e orientais nas redações, para uma maior e melhor cobertura para assuntos relacionados a raça e às classes em todos os tamanhos de indústrias de notícias. Além disso, o ponto principal para acabar com o racismo nos meios de comunicação é a quebra do racismo institucional, em uma luta de dentro para fora, sendo espelho do seu *modus operandi* para as reportagens que produz.

4.1 O telejornalismo policial

O telejornalismo policial pode ser compreendido como um formato de telejornal que utiliza cenas de prisão, apreensão de drogas e flagrantes, cenas de crimes e entradas ao vivo para

acompanhar as operações ou diligências das forças de segurança pública, para prestar a sociedade o serviço de informar que tipo de atuações tem feito o estado para manter a segurança e preservar os bens públicos e privados. (RIBEIRO, 2016, p. 3).

Conhecidos por fazerem uma espécie de jornalismo-denúncia, os noticiosos policiais trazem uma conotação sangrenta a cada edição dos programas. Excesso de casos de homicídios, exageros em julgamentos sobre a vida dos personagens, comentário indignado sobre as notícias apresentadas, apresentação de corpos, lesões e cenas de crimes, além de discursos moralistas imediatamente após a exibição da notícia e uma exaltação do trabalho das forças policiais que beira o fanatismo por elas.

José Luiz Datena trouxe à televisão uma nova forma de apresentar o jornalismo policial. Utilizando técnicas de locução radiofônicas, ele introduziu drama e sensacionalismo às imagens de crimes que exibia, e

não se propõe apenas a noticiar, mas também a destroçar reputações, julgar e condenar ao mesmo tempo, ainda que aos réus e réas, apresentados em rede aberta como animais fustigados, tenham em seu favor o princípio constitucional da presunção de inocência. (BARBOSA, 2014, online).

O datenismo – em nítida referência a José Luiz Datena, representante-maior do gênero na atualidade – se tornou um estilo onipresente na TV aberta brasileira: linguagem coloquial, transmissão ao vivo, plano sequência, músicas tensas, cenários simples, apresentadores populares e o uso desmesurado da imagem são alguns dos elementos que caracterizam este gênero de programa jornalístico. (SARKIS; VIANNA, 2014, p. 4).

Mas essa não é uma característica apenas desse apresentador. Outros apresentadores e apresentadoras também se valem do datenismo para conduzir o jornal policial, que tendem a ser populares entre as pessoas mais pobres, de forma sensacionalista, preconceituosa com classes e raças. Esse tipo de telejornalismo ignora os “princípios tradicionais do jornalismo”, baseado pelo “compromisso com a

verdade” (AMARAL, 2011) para justificar a transmissão de factoides do cotidiano do seu público.

Se a teoria do espelho (TRAQUINA, 2012) é a reprodução da verdade nas notícias, ignorar essa teoria fundamental do jornalismo é recortar a realidade de forma substancial ao ponto de modificar sua realidade?

5. PERCEPÇÕES SOBRE A MULHER NEGRA NA TV

No jornalismo, justifica-se a escolha de todas as pautas que serão produzidas. Critérios e elementos que levam o comunicador a escrever sobre algo, muitas vezes, no jornalismo policial, traz ao texto uma abordagem “sensacionalista sobre a vida privada, alegando ausência de fatos a noticiar sobre a comunidade negra.” (MELLO, 2004, p.45).

Para melhor compreender como a mulher negra é apresentada na televisão, critérios de recorte de pesquisa levaram a definir como, onde e quando essa imagem seria analisada. Inspirada na pesquisa “Jornalismo-verdade ou condenação sumária? Jornalismo policial e os mal-ditos nos programas policiais de TV”, feita por Rosane Borges (2004), encontrada no livro “Espelho Infiel: o negro no jornalismo brasileiro”, foi estabelecido que seriam analisados dois programas policiais, de âmbito nacional e populares, durante uma semana cada um.

Em cada jornal era necessário extrair informações e categorizá-las em tabelas para uma melhor análise. Em cada planilha⁵, as matérias foram classificadas da seguinte maneira: assunto da matéria, local dos fatos, como a mulher negra aparece, e se há repórter ou apresentadora negra no programa. Vide a tabela abaixo que é um modelo de como os dados foram categorizados:

⁵ As tabelas com as informações coletadas se encontram anexas a este trabalho.

Tabela 1 – Exemplo de como os dados para pesquisa foram coletados

Assunto da matéria	Mulher é encontrada morta em viela
Local dos fatos	Santos/SP
Como a mulher negra aparece	vítima, mãe da vítima
Há repórter/apresentadora negra no programa	Não

Fonte: Própria autora, 2018.

Os telejornais escolhidos foram o Cidade Alerta (TV Record) e o Brasil Urgente (TV Bandeirantes), onde ambos acompanham a atividade policial nas grandes metrópoles, com foco em São Paulo. Nesses jornais foram aplicados os métodos de pesquisa quantitativa para analisar características qualitativas de cada notícia, e observados entre os dias 01 e 08 de novembro, para o Cidade Alerta, e entre 10 e 14 de dezembro para o Brasil Urgente.

5.1 Cidade Alerta

Apresentado por Luiz Bacci e Percival de Souza, o telejornal policial da TV Record é exibido de segunda a sábado, das 16h45 às 19h45. Durante o período analisado foi observado que as pautas são oriundas dos locais mais pobres e extremos das grandes capitais brasileiras. O programa conta com um grupo de repórteres fixos que produzem notícias e interagem com o apresentador Bacci. Este se porta como amigo das famílias das vítimas que aparecem na emissora, consolando, cobrando respostas das autoridades e pedindo ajuda ao seu público para a solução dos casos apresentados.

Entretanto, nota-se um interesse maior em determinados casos do que em outros. Os assuntos que trazem mais comoção são os mais explorados, como o caso da mulher que mentiu para o marido e fugiu com a filha de Campinas para o Amazonas; ou o caso do rapaz que desapareceu no interior de São Paulo.

Sobre as questões de gênero nas notícias, foco deste trabalho, nota-se que no noticioso policial a mulher, de forma geral, é retratada como um ser perigoso,

desequilibrado, que provoca situações desagradáveis e é vítima de violência. Especificamente sobre a mulher negra, esta é colocada como ser que sofre ações contra sua pessoa, como sua morte, tortura, espancamento e assassinato de parente próximo. Ainda há casos percebidos onde a mulher negra é acusada de cometer sequestro de incapaz, mentir para encobrir crimes e ser estelionatária.

Baseado nas análises feitas das edições do noticioso, as impressões que o Cidade Alerta passa são de que a mulher é tirada da sua condição humana e se torna:

1. um número, nos casos que envolvam os elementos morte, tortura e violência física ou psicológica.
2. um animal, quando aparecem casos de agressão – sofrida por ou partindo delas.
3. criminosa, nas matérias relacionadas a crimes cometidos por mulheres.

Além disso, alguns comentários sobre a motivação que levaram essas personagens a estarem em situações incomuns e presentes nas páginas policiais, julgamento de caráter sem a acusada poder se defender naquele momento e insinuações sobre envolvimento com organizações criminosas - tanto de mulheres negras quanto dos seus filhos, reforçam estereótipos presentes na sociedade sem se preocupar no impacto social que tais afirmações causam.

Luiz Bacci (1997), um homem branco e de escolaridade superior, aparece como quem detém a verdade e o poder de trazer alívio às famílias que pedem ajuda em seu programa. Sua imagem construída lembra o mito do homem branco salvador: um branco que aparece para salvar o povo negro de algum mal. Essa teoria é reforçada pela conduta da TV Record em explorar o sofrimento dos personagens em seus programas, exemplificado pelo programa A hora do Faro que, observado fora dos objetivos desta pesquisa, leva pessoas pobres, de periferia, e explora todo o lado dramático a fim de ajudar a personagem e assim conseguir audiência.

5.2 Brasil Urgente

Apresentado por José Luiz Datena e Joel Datena, o noticioso policial da TV Bandeirantes é exibido de segunda a sábado, das 16h às 19h20. Durante o período analisado foi percebido que as pautas são mais gerais, dando prioridade às notícias mais importantes do dia, independente se tal fato irá mudar a estrutura do programa, exemplo disso é a grande cobertura que o noticioso fez sobre o atentado na Catedral de Campinas/SP, deixando de exibir matérias listadas para o dia. O programa conta com um conjunto de repórteres, este mais variado do que o Cidade Alerta, que produzem notícias, interagem com o apresentador e entrevistado ao vivo. José e Joel Datena se revezam na apresentação durante a semana, e ambos estão colocados como aquele que busca por justiça para seus personagens, independente de classe ou raça.

É importante ressaltar que, por possível linha editorial da emissora, o Brasil Urgente prioriza a notícia ao vivo e a imediatividade do ocorrido, buscando levar ao telespectador a notícia mais precisa em tempo real e com a maior quantidade de fontes qualificadas possível. Por este fato, é comum ter maior tempo gasto com uma única notícia do que com várias e de maneira superficial.

A exploração das pautas vem na possibilidade em extrair mais informações dos especialistas, o que fomenta o debate-monólogo que os apresentadores fazem com seu público. É por esse motivo que foi verificado, em cada edição analisada, um maior tempo dedicado a cada reportagem exibida.

No Brasil Urgente, a imagem da negra é menos explorada de forma pejorativa, tanto que a quantidade de pautas negativas sobre elas é ínfima, quando comparado ao Cidade Alerta. Quando retratada, a mulher negra é colocada como vítima de crimes ou uma pessoa que possui uma ligação com o fato noticiado. Não foi percebida a imagem da mulher negra como criminoso.

De forma geral, a imagem das mulheres, negras ou não-negras, é mostrada como pessoas que foram agredidas, mortas, abusadas por homens “vagabundos”, “covardes” e “sem caráter”, como os próprios apresentadores - especialmente Joel Datena - classificam os seres que cometem crimes contra mulheres, independente

do tipo de violação que tenha acontecido. Esse fato pode acontecer devido a dois fatores: grande quantidade de mulheres ocupando o cargo de repórter em sua programação ou pelo posicionamento contra o crime organizado pelo qual José Luiz Datena - apesar do datenismo - é conhecido.

As duras críticas contra atos cometidos contra as mulheres torna o Brasil Urgente, dentro dos dias analisados nesta pesquisa - um programa que entende a luta feminina contra o machismo e a violência sofrida no dia-a-dia. Durante os dias analisados, não houve indícios que a mulher seja retratada como culpada pelos crimes que sofre - o que não acontece no Cidade Alerta.

A relevante quantidade de matérias noticiadas por mulheres no Brasil Urgente pode ser um espelho da filosofia da TV Bandeirantes. Entretanto, após sair a notícia que a jornalista Bruna Drews, ex-repórter do Brasil Urgente, tenha sofrido assédio sexual por José Luiz Datena - e amplamente divulgado pela imprensa - restou dúvidas sobre como a emissora trata os casos de assédio e importunação sexual por parte dos apresentadores e diretores da emissora contra as mulheres. Esse caso trouxe questionamentos sobre a real intenção do discurso dos apresentadores do Brasil Urgente sobre as notícias relacionadas às mulheres.

5.3 A teoria do espelho da Branca de Neve

Observando os telejornais citados foi constatado que a renda salarial, de fato, é usada “como forma de exclusão entre classes na mídia” (SODRÉ, 2004, p.) e, somado ao preconceito de gênero e de raça, gera pautas que minam a desgraça do personagem retratado. Com isso, pode-se responder à pergunta central deste artigo: o jornalismo cumpre um papel de simples reproduzidor dos fatos ou ele estaria corroborando para a perpetuação do racismo e do machismo sobre a mulher negra na sociedade brasileira?

Se temos uma sociedade brasileira que é racista e o jornalismo explora crimes contra ou cometidos por pessoas negras, fica entendido que a teoria do espelho (TRAQUINAS, 2012, p. 148) é distorcida na criação, produção e divulgação

de fatos noticiosos. Isso se dá na argumentação de uso da teoria de Traquinas como justificativa para replicar opiniões racistas – e por vezes misóginas.

Quando o jornalismo faz isso, a teoria do espelho se torna a teoria do espelho da Branca de Neve: mostrando, de fato, a sociedade como um reflexo do seu cotidiano, mas com uma imagem distorcida, onde o recorte social é tão grande que a imagem exibida por esse “espelho” é carregada pelos conceitos pré estabelecidos pelo jornalista.

Com isso, o jornalismo reforça estereótipos e promove preconceitos de gênero e raça por meio de matérias sensacionalistas, onde “a mulher negra é sempre representada como aquela que carece de algo” (MELLO, 2004, p.43): a falta de um filho, de condições de sobrevivência, de afeto.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um telejornal é mais incisivo em suas pautas e opiniões do que outro. Ele transpassa suas ideologias de forma mais eficaz para as massas, mas o recorte social é fundamental para a disseminação do racismo e das ideias racistas na sociedade. Dessa forma, a mulher negra - sujeito privilegiado neste estudo - passa por processos que tiram sua privacidade e expõem suas fraquezas familiares em casos policiais.

A mulher, no Cidade Alerta, é vista como detentora de poderes que levam ao caos, à violência e à baixaria. Retratada como periférica, e somente assim, a negra passa por situações desagradáveis para pedir ajuda. No Brasil Urgente, ela é melhor tratada, mesmo em notícias policiais, o telejornal não retira sua privacidade e sua humanidade – em outras palavras, seu caso é menos explorado.

No dia-a-dia a mulher sofre preconceito e morre por ser mulher. Na mídia aparece como louca, desesperada e humilhada por homens. Nos casos que os apresentadores se solidarizam, há o implícito questionamento: o que ela fez para receber isso? Não percebem a desumanização que submetem as mulheres negras.

Por isso, no jornalismo policial há preconceito de gênero, raça e classe. As vezes ele aparece de forma tão sutil que um olhar desatento acredita que aquela condição retratada pode ser um castigo divino.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2014.

BAND UOL. **Brasil urgente**: vídeos. Disponível em:
<<https://videos.band.uol.com.br/brasilurgente>>. Acesso em: 28 jan. 2019.

BARBOSA, Gustavo Henrique Freire. **O 'datenismo' como instrumento de opressão**. Observatório da Imprensa, 2014, n. 831. Disponível em:
<http://observatoriodaimprensa.com.br/tv-em-questao/_ed831_o_datenismo_como_instrumento_de_opressao/>. Acesso em: 30 jan. 2014.

BORGES, Rosane da Silva. Jornalismo-verdade ou condenação sumária? Jornalismo policial e os mal-ditos nos programas policiais de TV. In: CARRANÇA, Flávio. BORGES, Rosane da Silva. (Org.). **Espelho infiel**: o negro no telejornalismo brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

BOTOSSO, Tatiana Cavalcante de Oliveira. Negros na universidade: a cobertura da mídia sobre as políticas públicas de inclusão. In: OLIVEIRA, Dennis de et al. (Org.). **A luta contra o racismo no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Fórum, 2017.

CARRANÇA, Flávio. BORGES, Rosane da Silva. (Org.). **Espelho infiel**: o negro no telejornalismo brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

CARRANÇA, Flávio. Igualdade Racial entre os jornalistas ainda é uma meta. In: CARRANÇA, Flávio. BORGES, Rosane da Silva. (Org.). **Espelho infiel**: o negro no telejornalismo brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

ESTADÃO NOTÍCIAS. **Datena é acusado de assédio sexual por ex-repórter da Band**. 2018. Disponível em:
<<https://emails.estadao.com.br/noticias/tv/datena-e-acusado-de-assedio-sexual-por-e-x-reporter-da-band,70002685120>>. Acesso em: 26 jan. 2019.

FERREIRA, Ricardo Alexino. Quando a imprensa branca fala da gente negra: a visão eurocêntrica da imprensa na cobertura de afrodescendentes. In: CARRANÇA, Flávio. BORGES, Rosane da Silva. (Org.). **Espelho infiel**: o negro no telejornalismo brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. 2ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

IANNI, Octavio. **A racialização do mundo**. Tempo Social, v. 8, n. 1, p. 1-23, nov. 1996.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. et al. (Org.). **O lugar da mulher**: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. v. 1.

MEDINA, Cremilda. Imprensa e racismo: espelho das contradições sociais. In: CARRANÇA, Flávio. BORGES, Rosane da Silva. (Org.). **Espelho infiel**: o negro no telejornalismo brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

MELLO, Edna de. As cores da mulher negra no jornalismo. In: CARRANÇA, Flávio. BORGES, Rosane da Silva. (Org.). **Espelho infiel**: o negro no telejornalismo brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

MICHAELIS: dicionário brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

MUNANGA, Kabenguele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Geledés. [2003?]. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2018.

OLIVEIRA, Dennis de et al. (Org.). **A luta contra o racismo no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Fórum, 2017.

RECORD TV R7. **Cidade alerta**: vídeos. Disponível em: <<http://recordtv.r7.com/cidade-alerta/videos>>. Acesso em: 28 jan. 2019.

RIBEIRO, Fábio. Telejornalismo policial como “jornalismo popular”: reflexão sociológica sobre uma categoria nativa. **Temática**, Paraíba, v. 12, n. 8, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/30085>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo?**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1984.

SODRÉ, Muniz. Mídia e Racismo: um pé fora da cozinha. In: CARRANÇA, Flávio. BORGES, Rosane da Silva. (Org.). **Espelho infiel**: o negro no telejornalismo brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

TRAQUINAS, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. 3ª. ed. Florianópolis: Insular, 2012. v. I.

VIANNA, Túlio. SARKIS, Jamilla. Execrando suspeitos para atrair audiência: o uso de concessões públicas de TV para a prática de violações do direito constitucional à imagem. In: CLÈVE, Clèmerson Merlin; FREIRE, Alexandre. (Coods.). **Direitos fundamentais e jurisdição constitucional**: análise, crítica e contribuições. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2014. p. 785-800.

APÊNDICE A

Tabelas com dados coletados entre os dias 1 e 8 de novembro de 2018 nos telejornal Cidade Alerta (TV Record), exibido de segunda à sábado das 16h45 às 19h50.

	01/11/2018	02/11/2018	06/11/2018	07/11/2018	08/11/2018
Matéria que a mulher negra é retratada	Marido mata esposa	Mulher sai de casa e abandona marido/ mãe e filha desaparecem/ falsa enfermeira tenta sequestrar bebê/ carro capota durante perseguição	Mãe e filha desaparecem a caminho do aeroporto/ mulher mentiu sobre agressões	Mulher aplica golpe por meio das redes sociais/ grávida é assassinada pelo marido/ Mulher foge e vai morar com namorado/ Mulher é mantida em cárcere privado e sofre tortura e abusos/ Ex marido ataca mulher e novo namorado	Não houve matéria com personagens negros
Local	Bahia	Taipas/ Campinas/ Goiânia/EUA	Campinas/ Rio de Janeiro	Brasília/ Salvador/Campinas- Manaus/Duque de Caxias/	
Personagem negra como	Idosa é assassinada pelo marido		Vítima de suposto sequestro/ especialista	Acusada/Fonte/ filha da acusada/Vítima e marido da vítima/vítima	
Jornalista negra	Não	Não	Não	Não	Não

APÊNDICE B

Tabelas com dados coletados entre os dias 11 e 15 de dezembro de 2018 nos telejornal policial Brasil Urgente (TV Bandeirantes), exibido de segunda à sábado das 16h às 19h20.

	11/12/2018	12/12/2018	13/12/2018	14/12/2018	15/12/2018
Assunto da Matéria em que a mulher negra é retratada	Menina é estuprada enquanto ia para escola	Sem personagens negras na edição deste dia	João de Deus é acusado de estupro	Caso Marielle: disputa de terras por milicianos teria motivado ataque/ briga entre caminhoneiros na estrada provoca morte	Sem personagens negras na edição deste dia
Local	São Vicente		Goiás	Rio de Janeiro / São Paulo	
Personagem negra como	fonte, vizinha da vítima		conhecida do acusado (Oprah Winfrey)	vítima / esposa da vítima	
Jornalista negra	Não	Sim	Não	Não	Não